

Referencia para citar este artículo: De Freitas, M. C. & De Mecena, E. H. (2012). Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil, *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 10 (1), pp. 195-203.

Vulnerabilidades de crianças que nascem e crescem em periferias metropolitanas: notícias do Brasil*

*MARCOS CEZAR DE FREITAS***

Brasil Programa de Posgrado en Educación y Salud en la Niñez y Adolescencia, Universidad Federal de São Paulo, Brasil.

*ELIZANE HENRIQUE DE MECENA****

Mestre Educacion y Salud. Investigadora del Núcleo de Investigación sobre Niños y Niñez de la Universidad Federal de São Paulo, Brasil.

Artículo recibido en noviembre 18 de 2011; artículo aceptado en febrero 8 de 2012 (Eds.)

• **Resumo:** *Este artigo apresenta os resultados de uma investigação sobre a vulnerabilidade de crianças e adolescentes nascidos e criados numa grande periferia metropolitana. Foram analisadas as representações de vulnerabilidade, que prevalece em uma área específica, de intensa transformação urbana, no Brasil. Reunimos os pontos de vista dos personagens que têm sido considerados como “os mais vulneráveis” nos rankings oficiais.*

Palavras – chave: periferias, vulnerabilidade, crianças, adolescentes.

Las vulnerabilidades de los niños que nacen y crecen en las periferias metropolitanas: noticias de Brasil

• **Resumen:** *Este artículo presenta los resultados de una investigación sobre la vulnerabilidad de niños que nacen y crecen en las periferias metropolitanas. Se analizaron las representaciones de la vulnerabilidad que prevalecen en una área de intensa transformación urbana en Brasil. Hemos recogido las opiniones de los personajes que son considerados los “más vulnerables” en las clasificaciones oficiales.*

Palabras clave: periferias, vulnerabilidades, niños, adolescentes.

Vulnerability of children born and raised in peripheral metropolitan areas: news from Brazil

• **Abstract:** *This paper presents the results of an investigation into the vulnerability of our children born and raised in the metropolitan periphery. We analyzed the representations of vulnerability*

* **Artigo curto** baseado na investigação iniciada em 2010 no Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, denominado “nascem e crescem em periferias metropolitanas”, ainda em andamento, com financiamento do Ministério de Ciência e Tecnologia da Brasil, através do seu Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq

** Doctor en Filosofía e Historia de la Educación. Profesor Libre-Docente del Departamento de Educación de la Universidad Federal de São Paulo. Correo electrónico: marcos.cezar@unifesp.br

*** Maestria en Educación y Salud en la niñez y adolescencia. Investigadora del Nucleo de Inveestigacion sobre niños y niñez (NUPESCI) de la Universidad Federal de São Paulo.

prevailing in an area of intense urban transformation in Brazil. We have collected the views of the characters that are considered the “most vulnerable” in the official rankings.

Key words: peripheries, vulnerability, children, teenagers.

-1. Introdução. -2. Sobre a configuração territorial. -3. A base territorial do projeto e o crime organizado. -4. Tempos de transformação. -5. Nascer e crescer em periferias urbanas. -6. A construção de imagens estigmatizantes. -7. Considerações finais. -Lista de referências.

1. Introdução

O cotidiano de crianças e adolescentes que nascem e crescem em periferias metropolitanas tem sido abordado como conteúdo necessário para elucidar aspectos específicos na “dinâmica da pobreza urbana”. (Cristiaensen & Subbaro, 2004). Essa dinâmica da pobreza, projetada em locais singulares como são as grandes periferias metropolitanas no Brasil, revela um dia a dia repleto de riscos e vulnerabilidades (Freitas & Biccás, 2009; Sumner et. al 2010).-

O tema vulnerabilidade tem sido objeto de crescente diversificação conceptual e no que tange às condições de vida em grandes cidades, crianças e adolescentes são muito analisados à medida que vasta bibliografia demonstra o quanto são avaliados como sujeitos sociais que constam entre os mais expostos a riscos iminentes, acumulados em decorrência de problemas ambientais, alimentares, de segurança e, principalmente, pela escassez de recursos somada à escassez de políticas públicas (Bartelett et. al 1999; Hilhorst & Bankoff, 2004; Barnett et. al 2010; Evans, 2010).

A intenção de comprovar a presença de vulnerabilidades sociais em territórios de severa pobreza se sobrepõe, muitas vezes, ao objetivo de conhecer, de perto, a experiência urbana de crianças e adolescentes, experiência essa considerada como “reflexo” das vulnerabilidades presentes (O’Brien & Leichenko, 2007). Nos estudos sobre crianças e adolescentes urbanos, o conceito de vulnerabilidade é considerado “obrigatório” (Brklacich et. al, 2010).

Considerando as condições específicas das periferias urbanas brasileiras, analisar vulnerabilidades tem correspondido à verificação da presença ou da ausência de ações públicas governamentais, registrando-se a forte

presença de bases estatísticas para descrever os estratos e segmentos sociais que sofrem os efeitos da ação ou da omissão do Estado em locais de severa pobreza (Freitas & Biccás, 2009; Beddington, 2009).

Não é casual a abundante presença do tema vulnerabilidade no âmbito dos estudos sobre o desenvolvimento econômico como demonstram os estudos de Moser (1998) e, principalmente, os escritos de Amartya Sen (1981 e 1999). Aliás, a literatura especializada na análise do tema desenvolvimento econômico revela incessante busca por alternativas para ultrapassar níveis críticos de vulnerabilidade social de modo a estancar aquilo que Castañeda e Aldaz-Carrol (1999) denominam de transmissão geracional da precariedade material (Cf. Escobar, 1995; Ferguson, 2003).

Este artigo aborda a questão da vulnerabilidade de crianças e adolescentes de um lugar específico, baseando-se não exclusivamente em bases estatísticas, mas também na escuta e na aproximação em relação às personagens do cotidiano de uma região que tem sido intensamente assistida por ações governamentais.

Acatamos aqui a sugestão apresentada por Webb e Harinarayan (1999) no sentido de pensar a vulnerabilidade como um “conceito ponte” (*bridging concept*), necessário para aproximar com intenções interdisciplinares os campos da economia e das ciências humanas em geral, especialmente a antropologia e a sociologia.¹-

Consideramos que os riscos e as vulnerabilidades a que estão sujeitas crianças e adolescentes das periferias metropolitanas

¹ Esse tema pode se beneficiar muito da leitura do paper *Snakes and ladders, buffers and passports: rethinking poverty, vulnerability and wellbeing*, escrito por Andy Sumner e Rich Mallett 2011.

têm aspectos que se revelam de forma mais complexa quando são evidenciados “de dentro para fora”, ou seja, quando se leva em consideração o ponto de vista nativo, daqueles que usam as instituições que chegaram para diminuir os índices locais de precariedade social (Sarti, 2010 e Mecena, 2011).

Portanto, o argumento central deste trabalho pode ser enunciado com simplicidade tomando por base o seguinte ponto de partida: pensar a vulnerabilidade a partir do ponto de vista das pessoas consideradas vulneráveis no território escolhido para análise; e empreender essa análise com base na perspectiva interdisciplinar.

O local aqui analisado é um dos territórios investigados no âmbito de um projeto amplo denominado “Nascer e crescer em periferias metropolitanas”, que está em andamento e aborda experiências urbanas de crianças nascidas e crescidas na região metropolitana de São Paulo. Aqui, especificamente, a referência é uma grande zona periférica que se configurou no encontro entre as cidades de São Paulo e Guarulhos.

O projeto em questão, desenvolvido sob a responsabilidade do Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência da Universidade Federal de São Paulo, tem conseguido trazer à tona os processos de interação e condições de vida de crianças e adolescentes que nasceram e cresceram em zonas urbanas tal como essa que será identificada neste artigo, ou seja, locais que sofreram o impacto do “agigantamento” de uma “cidade mundial”, São Paulo.-

Foram elaborados *surveys* e investigações etnográficas para organizar um repertório de informações relacionadas ao passado, presente e futuro dessas crianças urbanas, tendo em vista projetar para os interessados na antropologia e na sociologia da infância o cenário em que encontramos personagens pouco ouvidas, mas muito mencionadas em estatísticas sociais.

O território analisado apresenta número expressivo de ocupações informais e, mesmo sendo objeto de especial estratégia governamental na última década, continua a caracterizar-se por uma dinâmica urbana que

permite a quebra permanente de fronteiras entre formalidade e informalidade.

Os números que serão apresentados no final deste artigo possibilitam refletir sobre um tema sombrio que é a questão das violências praticadas contra crianças e adolescentes nos processos de formação de periferias metropolitanas tal como esse tema é considerado localmente.

2. Sobre a configuração territorial

O censo demográfico brasileiro de 2010 revelou números expressivos para cidade de São Paulo: 11.253.503 habitantes.

Esse gigante urbano é rodeado por uma Região Metropolitana cuja população, somada à da cidade de São Paulo, registrava 19.683.975 habitantes. A Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) é composta por 39 cidades, todas conectadas e integradas com maior ou menor intensidade à força econômica da cidade de São Paulo.

A maior cidade dessa Região Metropolitana é Guarulhos, marcada pela convivência, nem sempre harmoniosa, entre as suas regiões urbanas formais e legalizadas com as suas regiões urbanas informais, não legalizadas.

O crescimento de Guarulhos foi acelerado nas últimas seis décadas devido à combinação de dois fatores: industrialização e intenso fluxo migratório. Chegaram milhares de homens e mulheres que se deslocaram especialmente das regiões mais pobres do país em busca de trabalho em São Paulo. Enquanto São Paulo se agigantava, a vizinha cidade de Guarulhos gradualmente deixava de ter uma economia baseada na produção rural de hortifrutigranjeiros e começava a trilhar uma escala ascendente em direção a uma economia de base industrial.

A expansão populacional que se verificava em São Paulo na metade do século XX repercutia diretamente na dinâmica populacional de Guarulhos. A combinação entre explosão migratória e taxa de emprego insuficiente para a demanda mostrava-se muito complexa à medida que alguns problemas tipicamente urbanos ganhavam dimensões dramáticas, entre eles o problema da habitação

um capítulo especial nessa trama. Muitos se viram constrangidos a aceitar condições precárias de moradia, desprovidos de qualquer alternativa.

Quase que compulsoriamente as regiões mais periféricas se converteram em opção única para segmentos com ganhos insuficientes e instáveis. Proliferaram bairros caracterizados pela ocupação não regularizada dos espaços urbanos, com registros imprecisos e completamente desprovidos de serviços públicos essenciais.

Muitas famílias se instalaram em locais tão distantes das zonas centrais de São Paulo que seus laços de vizinhança estavam mais ligados às periferias das cidades próximas que também começavam a se expandir em direção ao “coração do gigante”. Iniciava-se, assim, um processo que em poucos anos geraria um expressivo encontro entre periferias. Configuravam-se “bordas híbridas”, encontro entre locais duplamente periféricos. Na fronteira de cidades como São Paulo e Guarulhos terrenos ociosos de parte a parte passaram a ser continuamente ocupados.

Nas bordas, nos limites entre territórios que começavam a se grudar, os espaços possíveis àqueles migrantes ainda não eram plenamente urbanizados e, nessas condições, os moradores locais experimentavam as precariedades provenientes de uma situação peculiar, pois padeciam, simultaneamente, da escassez de recursos urbanos básicos tanto na periferia de São Paulo quanto na periferia de Guarulhos.

Tal como nos ensinaram os clássicos escritos de Pereira (1967) e Martins (1981), formavam-se núcleos de ocupação que não eram mais rurais e, todavia, não chegavam a ser plenamente urbanos.

Guarulhos atraiu grande contingente de migrantes. Estes se apresentavam como mão-de-obra à procura de oportunidades em meio a um processo de crescimento que adquiria dimensões impressionantes. Multiplicavam-se os loteamentos legalizados e os não legalizados.

Em 1950 a população de Guarulhos era de 35.000 habitantes. Em 2010 a cidade tinha 1.222.357 habitantes. Nesses sessenta anos predominou a informalidade no alargamento

urbano, razão pela qual se multiplicaram estratégias de organização habitacional que até hoje não são reconhecidas pelo poder público.

O crescimento populacional daquela zona periférica, cenário de grande distanciamento governamental, fez com que a partir da década de 1970 as bordas da cidade de Guarulhos ficassem conhecidas pelos índices de violência e de vulnerabilidade social crescentes.

Dentro de Guarulhos, o Bairro dos Pimentas merece destaque na descrição desse processo. Trata-se de um território com grandes faixas de terra ocupadas irregularmente e que faz fronteira com a região mais pobre da grande metrópole, a zona leste de São Paulo.

O Bairro dos Pimentas tem 223.124 habitantes e se tornou um laboratório especial para estudos sobre vulnerabilidades sociais, violência urbana e, sobretudo, urbanização. Esse lugar repleto de informalidades experimenta desde o ano 2000 forte reestruturação motivada pelo reconhecimento, por parte do governo municipal, do acúmulo de déficits estruturais no local e passou a agir intensamente no local.

Ao reconhecer a precariedade do local o governo municipal deu visibilidade a situações alarmantes no que diz respeito às condições de vida, especialmente de crianças e adolescentes. Entre os déficits urbanos acumulados, sucessivas gerações foram marcadas pela “escassez de amenidades”, responsável pela concretização de um cotidiano penoso (Marques, 2010).

Plasmou-se uma memória coletiva impregnada da sensação de ausência, característica que passou a marcar o depoimento daqueles que nasceram e cresceram no Bairro dos Pimentas, um local que há sessenta anos é descrito por seus moradores com palavras que simbolizam incompletude, distância e, principalmente, o risco de se viver num espaço urbano cujas edificações não constam nos registros da cidade.

3. A base territorial do projeto e o crime organizado.

O local da pesquisa ganhou sinistra notoriedade quando, em maio de 2006, a cidade de São Paulo viveu experiência traumática de grande repercussão na imprensa, pois a facção

criminosa denominada Primeiro Comando da Capital (PCC) organizou ataques armados contra civis e militares e depredou prédios públicos.

O pânico que a situação gerou fez com que as ruas da megalópole se esvaziassem rapidamente. No dia 12 de maio de 2006, à noite, a segunda maior cidade do mundo estava em silêncio e com as ruas abandonadas. Nem a polícia circulava especialmente porque ela era o principal alvo.

Os ataques foram provocados em sinal de protesto contra a transferência de alguns líderes presos do narcotráfico para prisões de segurança máxima. Comandados do PCC foram localizados no Bairro dos Pimentas, em Guarulhos. Porém, ainda que situação fosse realmente alarmante, não era correto reduzir o local à condição única de território dominado pelo tráfico de drogas.

A contradição marca o local. O bairro tornou-se manchete calamitosa no mesmo momento em que o governo local somava forças com o governo federal visando transformar o cenário social daquela região que é até agora a mais populosa da cidade de Guarulhos.

O governo local deu início a projetos de reurbanização, saneamento básico e estimulou a instalação de indústrias de grande porte, chegando a convencer empresários a abrir um shopping Center no bairro com base na perspectiva de que aquela periferia passaria por grande e acelerada transformação e que, acima de tudo, tinha forte potencial de consumo.

A Secretaria Municipal de Educação obteve recursos para iniciar no local a construção de Centros Educacionais Unificados (CEU), cujo projeto original foi desenvolvido anteriormente na cidade de São Paulo.

Outro fato merece destaque. A partir de 2003 a Presidência da República do Brasil, por intermédio de seu Ministério da Educação, apoiou o projeto local que visava a “recriar” o Bairro dos Pimentas.

Por isso, em 2006 um pacto envolvendo Universidade, Governo Federal e Governo local possibilitou a construção de um Campus da Universidade Federal de São Paulo ao lado do Centro Educacional Unificado dos

Pimentas. No Departamento de Educação dessa Universidade se estruturou o projeto “nascer e crescer nas periferias metropolitanas”.

4. Tempos de transformação

O processo de transformação coordenado pelo Poder Público e a presença da Universidade trouxeram rapidamente muitas transformações, ensejando experiências cotidianas inéditas para todos os moradores.

Contraditoriamente, porém, a reorganização urbana que estava em contínua aceleração não dava conta de retirar os estratos mais pobres da população do quadro de precariedade em que se encontravam. A nova perspectiva de urbanização facilitava a vida daqueles cujas condições de vida já resultavam de ganhos mensais superiores aos da maioria do bairro.

A reorganização da vida nas bordas da “periferia da periferia” revelou-se desafio de grande proporção. Ou seja, a situação concreta demonstrava que a imprescindível instalação de equipamentos públicos de saúde, educação e transporte nem sempre é suficiente para os que experimentam intenso processo de desqualificação social (Paugan, 2003).

O imenso bairro respirava os ares da modernização e passava a ostentar até certa pujança econômica em alguns setores. Porém, os seus problemas mais agudos permaneciam desafiando a racionalidade administrativa governamental e empresarial.

As zonas de ocupação informal, com favelas e variadas formas de autoconstrução (Kowarick, 2009) mantiveram-se na vizinhança das novas fábricas que chegaram. Os arredores dos projetos residenciais que foram executados em impressionante velocidade tornaram-se cinturões de precariedade a envolver tudo aquilo que se edificava como novo.

Grandes avenidas permanecem cortadas por pequenas ruas, muitas sem nome e que não constam oficialmente do mapa municipal. Essas ruas sem nome são formadas nos labirintos da autoconstrução, entre fileiras de pequeníssimas casas e que são identificadas informalmente em tabuletas escritas à mão.

Alguns locais, especificamente, tornaram-

se ícones dessas contradições. Por exemplo, podemos citar o Sítio São Francisco que se organizou nas bordas do Bairro dos Pimentas através de sucessivas ocupações e adquiriu grande porte. Suas favelas e construções improvisadas ostentam déficits sociais alarmantes, com predominância do trabalho informal e com segmentos que dependem essencialmente dos programas governamentais para sobreviver.

5. Nascer e crescer em periferias urbanas

O projeto “Nascer e crescer em periferias metropolitanas” articulou entre a Universidade com a Secretaria Municipal de Educação. Foram selecionados professores, trabalhadores da saúde e assistentes sociais do bairro para que se desenvolvesse uma ação conjunta com o objetivo de atrair interessados em participar de programas de prevenção à violência contra crianças.

Como personagens daquele cotidiano, os envolvidos passaram a ser os guias para conhecer de perto as situações que, no lugar, eram consideradas de vulnerabilidade para crianças na faixa etária de zero a dez anos de idade.

No segundo semestre de 2010 participaram da pesquisa 157 pessoas, sendo que 60% desse grupo foi composto por professores do bairro e 40% por profissionais da saúde e da assistência social que atuavam na região. No primeiro semestre de 2011 foram mobilizadas outras 100 pessoas com a composição de 60% de professores e 40% de profissionais de abrigos² e de centros de cuidado e prevenção ao uso de drogas.

Essas 257 pessoas receberam formação específica relacionada à prevenção de violências contra crianças.

Todos os envolvidos com o projeto participaram de *surveys* que foram organizados

para registrar a percepção de vulnerabilidade junto aos moradores.

No mesmo espaço de tempo foi desenvolvida pesquisa etnográfica que teve por objetivo levar a Universidade a conhecer “por dentro” os locais indicados nos *surveys* como emblemáticos do perigo para crianças e adolescentes.

Dentre os locais considerados mais problemáticos foi escolhida a escola pública que foi, então, avaliada pelo governo do Estado de São Paulo como uma das cem piores escolas públicas do Estado.³

6. A construção de imagens estigmatizantes

A equipe de pesquisa da Universidade espalhou-se pelo bairro e tratou de conhecer por dentro aquela realidade, incluindo a escola cujo resultado na avaliação governamental rapidamente gerou o estigma de “pior escola da cidade”.

Os *surveys* revelaram que as mulheres do local nutriam a expectativa de que a ação governamental multiplicasse a presença de instituições públicas no bairro, de modo a favorecer a diminuição do tempo que as crianças permanecem nas ruas.

A rua tornou-se uma “personagem especial” na pesquisa à medida que quase 100% das opiniões femininas sobre as situações de maior vulnerabilidade para as crianças reiteravam que transitar ou ficar nas ruas do Bairro dos Pimentas significava risco às integridades física, emocional e moral das crianças e dos adolescentes. A pesquisa etnográfica realizada dentro da escola ofereceu contornos mais nítidos sobre o que a rua representava para o bairro.

A classificação governamental impregnou as opiniões dos que trabalham naquela instituição. Para os trabalhadores daquela escola, o resultado projetou nacionalmente os números vexatórios do desempenho escolar daquela região periférica e tornou necessário

2 O Estatuto da Criança e do Adolescente foi promulgado em 1990 e regulamentou o artigo 227 da Constituição Federal de 1988. No Estatuto os abrigos são instituições concebidas para substituir internatos e orfanatos do passado. Aos abrigos são enviadas crianças em situação de grande risco e vulnerabilidade, com integridades física, moral e emocional ameaçadas. Maiores detalhes podem ser conferidos em Rizzini, 2007

3 O Governo do Estado de São Paulo instituiu, desde 1996, o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP). Por meio de avaliações específicas aplicadas aos alunos, as escolas são ranqueadas.

compartilhar com a rua as causas daquele insucesso.

Representações do “fracasso escolar” se multiplicavam quando os professores discordavam do resultado das avaliações. Tal discordância se baseava na opinião de que, naquele local, o fracasso escolar não estava radicado no déficit de aprendizagem que supostamente as avaliações revelam. Para aqueles professores a escola realmente fracassava quando perdia alunos para o narcotráfico; quando não conseguia evitar que meninos e meninas se envolvessem com a criminalidade e com a prostituição.⁴ (Mecena, 2011).

Apesar da pouca credibilidade do processo avaliativo patrocinado pelo Governo Estadual os estigmas gerados pelos resultados impactaram as instituições indicadas como “piores”. De certa forma, o desempenho da escola foi tomado como se fosse um registro documental da desvalorização social a que estão submetidos os moradores do Bairro.

A maioria dos alunos em questão vem das zonas de ocupação irregular. As falas colhidas junto às mães desses locais revelaram desalento em relação ao conjunto de dificuldades que enfrentam dia a dia. Praticamente todos os que se manifestaram reclamaram de uma situação em que constantemente falta lazer.

As dificuldades do dia a dia foram agravadas com a multiplicação expressiva no trânsito de veículos, aspecto “novo” que tornou o bairro exemplo negativo de poluição ambiental e congestionamento de ruas.

É importante registrar que as opiniões colhidas junto às crianças e adolescentes do bairro, sob a supervisão do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade, revelam também grande desconforto por parte desse segmento da população em relação ao convívio com lixo a céu aberto.

Nessa situação contraditória, alguns números da pesquisa oferecem dados desafiadores no que toca às condições de vida especificamente das crianças e adolescentes. Aproximemos as lentes da escola que teve

insucesso na avaliação governamental.

Dentre as 1553 crianças matriculadas, 40% não vivem com os pais, estando sob responsabilidade de parentes ou “conhecidos” da família.

O tempo não institucionalizado das crianças e adolescentes também está diretamente relacionado à deterioração da qualidade de vida que a precariedade urbana pode gerar, pois 60% das crianças e adolescentes declaram que quando não estão na escola usam o tempo livre para dormir, uma vez que não têm para onde ir, tampouco o que fazer.

O tempo não institucionalizado é tratado como se fosse um tempo em que as famílias “perdem seus filhos” nas zonas e situações de maior vulnerabilidade para aquelas crianças e adolescentes, que são os momentos de convívio forçado com outras gerações do local. As horas relacionadas ao “não fazer nada”, foram representadas como horas de risco intensificado, especialmente quando o tema abordado nos *surveys* pediu avaliações sobre o risco de sofrer as mais variadas violências e o risco de envolvimento com o tráfico de drogas.

7. Considerações finais

Os que convivem diretamente com as crianças do local, especialmente os educadores, construíram um rico repertório de opiniões sobre as vulnerabilidades locais. São imagens produzidas por aqueles que enfrentam diariamente as contradições presentes no cotidiano das periferias metropolitanas.⁵

No que concerne ao tema vulnerabilidade as opiniões colhidas no processo de pesquisa conduziram às seguintes conclusões:

- 1) Quando opinaram sobre o que torna a situação daquelas crianças mais vulnerável às violências 27,2% afirmaram que eram as instabilidades familiares; 24,6% responsabilizaram as drogas e 15,5% atribuíram à negligência da cidade em relação a esse segmento da população;
- 2) Quando opinaram sobre a situação da escola em relação à rua 32,4% consideraram que a instituição não eliminava de todo

4 O conceito de fracasso escolar está sendo usado com base na leitura de Patto (2008); Sampaio (2004); Gualtieri e Lugli, (2012).

5 A análise dessas situações foi feita com base nas contribuições de Lahire 1997.

a situação de vulnerabilidade, pois seria responsável por sucessivos episódios de violência psicológica; 37,6% relataram acontecimentos de violência física na escola e 6,4% relataram violência sexual. Destaque-se também que 29,2% reconheceram a presença do *bullying* no cotidiano escolar e 33,1% consideraram o espaço escolar impregnado de discriminação entre pares; 21,4% dos professores disseram que seus alunos são vítimas constantes de agressão verbal;

- 3) Quanto à vida familiar dos alunos, 47,4% afirmaram saber de agressões físicas e 40,2% de agressões sexuais. Já 47,4% mencionaram também a agressão física visível no corpo dos alunos, enquanto 33,1% acrescentaram aos seus comentários o fator negligência como determinante da exposição à situações de vulnerabilidade;
- 4) Em relação à rua, 44,1% já presenciaram eventos com agressão física às crianças e adolescentes e 35,7% testemunharam tentativas de abuso sexual;
- 5) No que diz respeito às drogas, 51,2% testemunharam o uso de drogas ilícitas em público por parte de crianças e adolescentes. Porém, 43,5% acrescentaram que as situações de violência sexual testemunhadas foram mais ofensivas que as situações de envolvimento com drogas;
- 6) Deve-se acrescentar que 26,6% viram crianças em locais favoráveis à prostituição; 48,7% viram crianças em locais favoráveis ao tráfico de drogas e, nessas situações, 4,5% testemunharam crianças sendo baleadas e 5,8% já viram crianças mortas na rua;
- 7) É importante, por fim, registrar um dado de grande complexidade: 44,8% dos participantes do processo de pesquisa afirmaram que já sentiram medo de crianças e adolescentes na rua.

Esses dados correspondem aos primeiros resultados de um projeto que tem perfil longitudinal. A continuidade do projeto nos próximos anos oferecerá novos elementos para que possamos analisar os efeitos da

reorganização urbana sobre as condições de vida daquelas crianças e adolescentes.

O processo de reconfiguração dessas periferias metropolitanas não tem sido suficiente para diminuir as distâncias econômicas e sociais entre os territórios formais e informais, ainda que sejam, ambos, partes conectadas de um mesmo lugar.

Nascer e crescer nas periferias metropolitanas é e continuará a ser uma experiência que a Universidade só poderá conhecer, de fato, se permanecer comprometida com as realidades locais que dividem com ela o mesmo chão.-

Lista de referências

- Barnett, J., Matthew R. A. & O'Brien, K. L. (2010). "Global environmental change and human security: an introduction. In: R. A. Matthew et. al (eds). *Global environmental change and human security*, (3-31). Cambridge, MA: MIT.
- Bartlett, S. et. al (1999). *Cities for children: children's rights, poverty and urban management*. London: Earthscan Publications, Unicef.
- Brklacich, M., Chazan, M. & Bohle, H. G. (2010). "Human security, vulnerability and global environmental change". In: R. A. Matthew et. al (eds). *Global environmental change and human security*. Cambridge, MA: MIT, pp. 35-51.
- Castañeda, T. & Aldaz-Carrol, E. (1999). "The intergenerational transmission of poverty: some causes and policy implications". *Paper*. Washington, D. C.: Inter-American Development Bank.
- Christiaensen, L. J. & Subbaro, K. (2004). "Toward an understanding of household vulnerability in rural Kenya". *World bank policy research working paper 3326*. Washington, D. C.: World Bank.
- Escobar, A. (1995). *Encountering development: the making and unmaking of the third world*. New Jersey: Princeton University Press.
- Evans, A. (2010). *Globalization and scarcity: multilateralism for a world with limits*. New York: Center on International Cooperation.

- Fabian, J. (1983). *Time and the other: how anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press.
- Ferguson, J. (2003). *The anti-politics machine*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Freitas, M. C. & Bicas, M. S. (2009). *História social da educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez Editora.
- Gualtieri, R. C. E. & Lugli, R. S. G. (2012). *A escola e o fracasso escolar*. São Paulo: Cortez Editora, Coleção Educação & Saúde.
- Hilhorst, D. & Bankoff, G. (2004). "Introduction: mapping vulnerability". In: G. Bankoff, G. Frerks & D. Hilhorst (eds.) *Mapping vulnerability: disasters, development and people*. London: Earthscan, 1-9.
- Kaztman, R. & Filgueira, C. (2009). *Marco conceptual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades*. Montevideo: Cepal.
- Kowarick, L. (2009). *Viver em risco, sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. São Paulo: Editora.
- Lahire, B. (1997) *Sucesso escolar nos meios populares: razões do improvável*. São Paulo: Editora Ática.
- Marques, E. (2010). *Redes sociais, segregação e pobreza*. São Paulo: Editora Unesp.
- Martins, J. S. (1981). *Subúrbio*. São Paulo: Edusp.
- Mecena, E. H. (2011). "O desempenho escolar de crianças da periferia: elementos para uma etnografia da percepção local de fracasso escolar". *Dissertação de mestrado*. Guarulhos/São Paulo, Programa de Pós-Graduação Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Universidade Federal de São Paulo.
- Moser, C. O. N. (1998). "The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies". *World development*, 26(1), pp. 1-19.
- O'Brien, K. & Leichenko, R. (2007). "Human security, vulnerability and sustainable adaptation". *Human development report 2007/2008*. Fighting climate change: human solidarity in a divided world. New York: UNDP.
- Patto, M. H. S. (2008). *A produção do fracasso escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Paugan, S. (2003). *Desqualificação social: ensaio sobre a nova pobreza*. São Paulo: Cortez Editora e Educ.
- Pereira, L. (1967). *A escola numa área metropolitana*. São Paulo: Editora Pioneira.
- Rizzini, I. (Editor) 2007. *Acolhendo crianças e adolescentes*. São Paulo, Unicef e Cortez Editora.
- Sampaio, M. M. F. (2004). *Um gosto amargo de escola*. São Paulo: Editora Iglu.
- Sarti, C. A. (2010). *A família como espelho*. São Paulo: Cortez Editora.
- Sen, A. (1981). *Poverty and famines*. Oxford: Clarendon.
- Sen, A. (1990). *Development as freedom*. New York: Anchor.
- Sumner, A. (2010). "Child poverty, well-being and agency: what does a 3-D well-being approach contribute?" *Journal of international development*, 22(8), pp. 1064-1075.
- Sumner, A., Curry, A. & Ballantyne, J. (2010). "What are the implications of the global crisis and its aftermath for poverty reduction, 2010-2020?" *Working paper*. Brasília: International Policy Centre for Inclusive Growth.
- Sumner, A., Haddad, L. & Climent, L. G. (2009). "Rethinking intergenerational transmissions: does a wellbeing lens help? The Case of nutrition", *IDS Bulletin*, 40(1), pp. 22-30.
- Sumner, A. & Mallet, R. (2011). *Snakes and ladders, buffers and passports: rethinking poverty, vulnerability and wellbeing*. Sussex: Institute of Development Studies, Working Paper number 83, International Policy Centre for Inclusive Growth.
- Webb, P. & Harinarayan, A. (1999). "A measure of uncertainty: the nature of vulnerability and its relationship to malnutrition", *Disasters*, 23(4), pp. 292-305.